

**“DE VERMELHO E NEGRO, VESTINDO À NOITE, O MISTÉRIO TRAZ”:
ENCRUZILHADAS DE GÊNERO E O ENTRE-LUGAR DE EXUS E
POMBOGIRAS**

Vincent Abiorana¹

Juliana da Silva Nóbrega²

RESUMO:

Este artigo foi gestado a partir de uma pesquisa em Psicologia e teve por objetivo analisar os vínculos entre Exus e Pombogiras com as relações de gênero em um terreiro umbandista. A análise foi inspirada na etnografia e no Construcionismo Social gerando a compreensão de que essas Entidades exerceram papéis controversos de manutenção e dissidência da lógica binária de gênero, pois Pombogiras protagonizaram vários momentos e expressaram suas identidades de modo intenso falando abertamente sobre sexualidades, divórcio e autocuidado das mulheres. Exus, por sua vez, não disputaram por espaços de fala e costumavam alternar protagonismo com momentos de quietude. Contudo os interesses das pessoas consulentes repetiam a cisheteronorma indicando que as Entidades ocupam um entre-lugar de (não)ser padrão binário.

Palavras-chave: Exus. Pombogiras. Umbanda. Psicologia. (Não)Binário.

ABSTRACT:

This article was created from a research in psychology and aimed to analyze the links between Exus and Pombogiras with gender relations in an Umbanda house. The analysis was inspired by ethnography and Social Constructionism, generating the understanding that these Entities played controversial roles of maintenance and dissidence of the binary logic of gender, as Pombogiras star in several moments and expressed their identities in an intense and striking way, speaking openly about sexualities, divorce and women's self-care while. Exus did not compete for spaces of speech and used to alternate protagonism with moments of stillness. However, the interests of the people who consulted repeated the cisheteronorm of indicating that the Entities occupy an in-between place of binary and non-binary.

Keywords: Exus. Pombogiras. Umbanda house. Psychology. (Non)binary.

¹ Trans não-binária que usa os pronomes neutros elu/ile, Vincent atua com ênfase em três lugares: 1) na Clínica Social on-line Transversus acolhendo pessoas LGBTQIAP+, principalmente, trans e travestis; 2) no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos como psicóloga social; 3) em qualquer espaço possível como Artista e Poeta de Luta. Ainda atua, estuda e se inspira na Gestalt-terapia e em Psicologia Social Comunitária. Nas (r)existências acadêmicas, Vincent é mestre e graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia onde participou de pesquisa, extensão e ensino nas temáticas que são sua paixão: gênero, sexualidades e diversidade no encontro com trabalho, negritudes, ruralidades e feminismo.

² Possui graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2002), mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006) e doutorado em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (2013). Docente no Departamento e Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atua em Psicologia Social, com ênfase nos seguintes temas: autogestão, economia solidária, ruralidades, educação e trabalho. Membro do Grupo Amazônico de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação (GAEPPE). Vice-coordenadora da Incubadora de Cooperativas Populares (INCOOP-UNIR).

1 Encruzilhadas Introdutórias

Inspirado em Maria Bethânia, iniciamos esse texto retomando seus ensinamentos sobre a importância, quiçá necessidade, de se aterrar antes de qualquer apresentação. No contexto da cantora e poeta, aterrar-se versa de um corpo que está firme no solo, na materialidade, em memórias, na socialidade. Aterrar-se significa então reconhecer que um corpo carrega aprendizagens e experiências que são expressas do cantar ao modo de andar em um palco. Maria Bethânia é conhecida por shows enaltecendo saberes e vivências de povos de terreiros e divindades de matriz africana que também centralizam práticas que podem ser chamadas de aterradas, como as danças que são rituais de conexão entre corpo-espírito-entidades. Aterrizando junto a esse conceito, apresentamos o lugar de onde falamos...

Situades em uma cidade na Amazônia, região Norte, escrevemos como dissidência às explorações históricas que formaram nossos territórios e identidades, à prática psicologizante de tentar ditar o que é normal, certo e aceitável, ao mito da democracia racial, da pluralidade religiosa e da diversidade como se essa tríade, de fato, fosse acessível a cada pessoa.

Falamos de lugares contra-hegemônicos, como o lugar de uma pessoa trans não-binária, negra, do Norte, umbandista e psicóloga que, várias vezes, viu a psicologia (re)produzir saberes discriminatórios contra suas formas de ser. Os lugares que ocupamos são contraditórios e nem sempre (talvez quase nunca) a psicologia dá conta de colocar em ação práticas que acolham a pluralidade de ser humano em suas várias identificações sociais. (GONÇALVES, 2016).

Denunciamos e renunciamos então a clássica psicologia colonialista que só reconhece um caminho de desenvolvimento humano (eurocêntrico). Reivindicamos as psicologias que reconhecem a história longa que estrutura nossas formações de subjetividades, identidades, saberes, memórias e jeitos de ser no mundo, que sejam democráticas, críticas e aterradas no contexto que tem nos (re)formado enquanto povos diversos (CARDOSO; COIMBRA, 2019).

Psicologias populares com caminhos metodológicos populares são conectadas com pessoas, com o que é vivido no cotidiano e experimentado nas produções de sentidos que são tecidas em interações gente-gente, ou seja, no caos e nas contradições da

realidade. É nesse solo gente-gente que esse texto foi construído (SIMÕES, 2016. SPINK, 2013).

Este artigo é parte de uma pesquisa em psicologia que versou sobre o cotidiano de um terreiro umbandista. Com essa pesquisa, conhecemos um espaço físico e simbólico localizado na zona Sul da cidade e é cuidado por uma Mãe de Santo e uma Ekédi há cerca de 15 anos realizando Giras de linha de direita (Caboclas, Pretas-Velhas, Erês) e de esquerda (Pombogiras e Exus).

O objetivo desse recorte foi de analisar os vínculos entre Exus e Pombogiras com as relações de gênero em um terreiro umbandista em uma cidade na Amazônia. A metodologia foi inspirada na etnografia e Construcionismo Social a partir de observações participantes, levantamento de pontos cantados no terreiro que foram considerados documentos de domínio público e multiconversas situadas.

As interações se deram ao longo de um ano na matriz do campo-tema, o Barracão, com observações, algumas conversas e os pontos mais cantados registrados em diário de campo. Outras conversas aconteceram de maneira mais formal e foram gravadas. Essa trindade de caminhos nos levou a conhecer mais sobre o cotidiano do terreiro e os efeitos que as subversões de gênero expressas por Exus e Pombogiras causaram nas vidas das pessoas que lá frequentam...

2 Encruzilhadas Metodológicas

Para Spink (2008), as multiconversas podem ser sobre presente ou passado sendo expressas em falas, ações e documentos. Utilizamos observações, conversas e pontos cantados como guias para as análises construcionistas, uma construção de narrativas não-neutras já que estão situadas num determinado espaço-tempo sendo produtoras e produtos de posicionamentos (MINAYO; GUERRIERO, 2014. HARAWAY, 1995).

Desde o momento em que surgiu na Psicologia Social, a postura construcionista tem questionado perspectivas individualistas e algumas sociológicas, marcadamente essencialistas e/ou representacionistas. A reflexão passou a considerar a linguagem como produtora de sentidos, produzidos socialmente e que se articulam, fundam, misturam e produzem a vida cotidiana (IÑIGUEZ, 2004).

Práticas discursivas são, portanto, basilares aos estudos construcionistas, pois englobam ações, linguagens, contextos e outros artefatos sociais que permitem conhecer

a produção de sentidos no cotidiano a partir de seus microprocessos e da circulação dos repertórios linguísticos. Nessa lógica, entendemos campo como um assunto, campo-tema, que não é um lugar à parte para coletar dados como a clássica psicologia social supõe o campo, mas redes de sentidos que se interconectam no cotidiano (SPINK, 2003, 2008, 2013. IÑIGUEZ, 2004).

A circulação dos sentidos empreende (re)produções de conhecimento popular e científico na negociação das temporalidades (tempos longo, curto e vivido) que se “complementam, completam e competem com a narrativa e a memória” e de diferentes materialidades e socialidades, isto é, os sentidos são empreendimentos datados e localizados (SPINK, 2008. HARAWAY, 1995).

O tempo longo fala de práticas discursivas sobre conteúdos culturais em uma época específica, são saberes produzidos antes das vivências “materializando-se nos mais diversos domínios do saber, tal como religião, ciência e tradições do senso comum” enquanto o tempo vivido fala da socialização que permite novas produções de sentidos dos conteúdos históricos, são práticas discursivas presentes em linguagens pessoais. O tempo curto é de um instante, do momento presente que possibilita a pessoa entender a produção de sentidos de forma muito única (SPINK, 2008).

Os três tempos colocam em cena os sentidos das memórias e a produção desses sentidos se dá na disputa de narrativas sejam populares, críticas ou hegemônicas e dominantes. Na lógica colonialista, os conhecimentos científicos são considerados verdades (quase) absolutas e (re)produzidos num sistema de branquitude e heteronormatividade que tomam essas características como parâmetros de superioridade. Nesse sistema, saberes populares e tradicionais que circulam, por exemplo, entre pessoas negras, pobres, indígenas e mulheres recebem pouco reconhecimento (SIMÕES, 2019).

A ética, expressa principalmente pelo anonimato, é um dos caminhos escolhidos nas pesquisas para manter a integridade dos sujeitos. No entanto, por entender que este estudo é um campo-tema negado e negligenciado, que não há postura neutra na matriz do campo-tema e que, inspirado na etnografia, era importante desnudar o real e enxergar o invisibilizado nos processos cotidianos, optei pela narrativa com mais identificações do contexto do terreiro (ANDRADA, 2018. SATO; SOUZA, 2001).

Inspirados em Spink (2008), Beaud e Weber (2007), registramos em fotografias, vídeos e diários de campo relatos das vivências, observações, interações, conversas

espontâneas e encontros situados reconhecendo conflitos e assumindo que esses momentos geraram impressões tanto em nós quanto no povo de terreiro. Seguindo Beaud e Weber, fizemos observações sustentadas em três pilares: perceber o campo-tema, a partir dos olhares moldados por vivências cotidianas e leitura de mundo; memorizar para auxiliar a organizar percepções e evitar transcrição desenfreada; analisar por meio da escrita, pois um diário de campo não revela apenas interações, mas também os processos de percepção.

Além dos diários, outros documentos foram utilizados como os Pontos Cantados considerados documentos de domínio público, pois estão à disposição de ações sociais e podem ser evocados no cotidiano por meio de rituais umbandistas, sites da religião ou de músicas. Os documentos de domínio público expressam as práticas discursivas nas formas de circulação e nos conteúdos e, para compreendê-los, precisamos conhecer as intersubjetividades, repetições, produções de sentidos e polissemia de saberes e fazeres sobre estes documentos (SPINK, 2013).

Consideramos os Pontos Cantados mais frequentes e marcantes durante as Giras registrados em diário de campo. Como aponta Spink (2013), apesar dos documentos terem algo a contar, eles não foram criados para responder diretamente cada pergunta e cabe a quem pesquisa aprender a ler e ouvir com atenção para compreender produções de sentidos nas práticas discursivas, isto é, na circulação e conteúdos, repetições e polissemia. Um possível primeiro passo é olhar além da maior curiosidade ao que é criado, guardado ou deixado pela passagem do cotidiano.

3 Encruzilhadas: Mistérios, Entre-lugar e Resistências

Risadas altas ou contidas e misteriosas, figuras extrovertidas ou imperturbáveis, incapazes de fazer o mal ou executoras de quaisquer tipos de desejos (e, por isso, necessitadas de orientações de outros espíritos guias e médiuns para realizarem o bem). Muitas são as controvérsias quando falamos de Pombogiras e Exus, mas ao conhecer mais essas Entidades podemos entender que diferentes épocas e lugares moldaram diversos e até diferentes entendimentos sobre elas (MENEZES, 2009).

Alvarenga (2006, p. 44) explica que, quando falamos das Entidades de esquerda, precisamos considerar que “sua significação é complexa, dependendo de sua origem e em qual religião se manifesta, tem caráter de divindade, mensageiro, protetor, escravo de

outras divindades, demônio, espírito inferior e imperfeito”. A pluralidade dos sentidos de quem são Exus e Pombogiras é explicada na história longa do Colonialismo que por meio do genocídio e epistemicídio tentou anular as raízes múltiplas da ancestralidade africana tentando encaixar essas pessoas e seus saberes na lógica binária e maniqueísta de bem x mal na qual a bondade era o colonial patriarcado cisgênero e branco.

Exus e Pombogiras são Seres das encruzilhadas, isto é, tem mistérios e ambiguidades muitas vezes difíceis de serem capturadas por nossa formação subjetiva linear legado da formação social do Brasil. A partir da narrativa de uma festa de Exus e Pombogiras, de pontos cantados e de conversas construímos esse tear de reflexões sobre as versões de esquerda (re)construídas no cotidiano de um terreiro umbandista sobre essas Entidades.

3.1 Apresentando Exus e Pombogiras em sua festa

Vira madrugada, madrugada vira, vira madrugada, traz Exu e Pombogira...

Era noite de festa de Exu. Como na maioria dos eventos lá, a festa estava marcada para às 20:00 horas, a Mãe falou que não precisávamos contribuir e bastava aparecer no dia da festa. A decoração era extravagante, a cor predominante era vermelho. Na calçada tinha por volta de oito mesas (dessas de plástico com quatro cadeiras que vemos em bares). No muro vermelho, mesma cor do portão, estava escrito “Calçada da fama” com letras douradas e uma estrela ao lado. Entre a calçada e a rua tinha uma cruz branca que simboliza Oxalá e marca que é um espaço religioso.

Atravessando o portão para entrar na casa, havia uma varanda com cinco mesas: três com muitas bebidas e duas para copos e taças. Outro destaque era diferentes jogos de luzes estilo discoteca encaixados no teto do Congá Menor, varanda e cozinha. Quem entrasse no terreiro e olhasse para direita, veria árvores, a mesa com Chopp, mesas para convidadas e um Ponto de Axé da Iemanjá. Quem olhasse para esquerda, veria a Trunqueira vermelha (Ponto de Axé do Exu Veludo) com um banquinho na frente. Quem olhasse para frente veria mesas com bebidas e taças, atrás dessas estavam atabaques. Na varanda, havia dois tapetes vermelhos (desses de desfile) que se cruzavam: um deles ia dos atabaques ao portão e o outro conectava a mesa de bebidas à cerca que separa o espaço público (terreiro ou Casa) do espaço mais doméstico (cozinha, quarto para médiuns vestirem roupas de suas Entidades e a casa da mãe de santo e Ekédi).

A organização do terreiro nos contagiava com a sensação de magia, mistério e cabaré: era um acontecimento extraordinário e cada canto possibilitava nova descoberta que deixava de lado a cotidianidade e noções de urbano, cronos e trivialidades. Antes de oficialmente começar a festa, ela já havia começado dentro da gente!

As pessoas andavam no terreiro super-chiques, principalmente mulheres com vestidos longos e brilhosos que transmitiam a mensagem poderosas e donas de si. Outras pessoas foram chegando e a rua foi ficando lotada de carros. A Ekédi principal se aproximou e muito animada agradeceu pela presença, mas como estava corrida foi logo embora.

A Mãe de Santo começou a tocar seu Adijá (sino para chamar ao início das rezas que acontecem num quarto ao lado do Congá Menor). Houve um leve agito das médiuns e ekédís e por um curto período, essas pessoas ficaram no quarto. Depois voltaram ao Congá Menor, a Ekédi emocionada agradeceu nossa presença, disse que Mãe estava cansada por não estar bem de saúde, mas que deveríamos aproveitar a festa. As pessoas da Gira fizeram um círculo para iniciar danças e pontos cantados, Mãe foi para o centro da roda e ia começar a falar, mas estava com olhos miúdos de emoção e teve dificuldade para falar até que a Ekédi gritou “não vai chorar!” e sorriu, uma médium ficou ao lado dela abraçando-a.

A mãe agradeceu a presença das pessoas, disse que era uma festa humilde, mas de coração. Repetiu essa fala três vezes. Agradeceu novamente dizendo que não sabia se estaria lá em 2020 e, estava chorando, a Médium a abraçou mais forte. As pessoas da Gira discordaram e disseram “quê isso, vai viver muito!”. Mãe mudou suas expressões dando a entender que estava se recompondo, respirou fundo e disse “que comece a Gira!”.

Ogãs começaram a bater tambor! Os Pontos Cantados eram dedicados a Exus e Pombogiras e a irradiação se deu rapidamente: as pessoas da Gira começaram a dançar e foi tudo rápido, tão rápido e mais rápido que rapidamente se deu também a incorporação. Possivelmente, foi o primeiro ápice da festa: pessoas girando, cantando alto e cada vez mais alto, mostrando suas roupas novas e brilhantes, roupas de festa, atabaques ressoavam também mais rápido que costume. Tudo acontecia mais rápido e com mais intensidade!

Havia muitas pessoas, em volta da Gira, olhando, cantando, dançando, rindo, fotografando e, principalmente, bebendo. Essas pessoas batiam palmas e transmitiam



energias positivas às pessoas da Gira... Em uma virada emocionante: aconteceu a incorporação!

A incorporação aconteceu com várias pessoas ao mesmo momento formando um cenário de beleza e agilidade. De repente, podíamos ver mudanças corpóreas: corpos estavam mais rígidos, corpos estavam mais flexíveis. Eram os mesmos corpos de médiuns que já foram vistos diversas vezes, mas ao mesmo tempo eram novos corpos, ou melhor, novas corporeidades. Novas expressões! E tudo parecia ser possível...

Dando atenção aos papéis de gênero que costumam ser marcados também nos terreiros, o predominante é ver mulheres com Pombogiras e homens com os Exus. Não obstante, existem casos de rompimento das performances de gênero que são mais perceptíveis quando mulheres incorporavam Entidades masculinas como uma senhora que pouco falava e ao incorporar um Marinheiro, Seu Tubarão, cantava e contava várias histórias protagonizando várias cenas durante outras Giras.

De repente, ouvimos a risada alta: Pombogira Rainha do Cabaré havia chegado! A Pombogira dona do terreiro e do Ori da Mãe de Santo. As Entidades chegaram e haviam colocado suas roupas de festa! Novamente movimentos rápidos se deram: o grupo atravessou o portão da cozinha e, no tapete vermelho, começou a desfilar e mostravam suas roupas. As Pombogiras soltavam gargalhadas altas e agudas que podiam ser ouvidas a longa distância, os Exus tinham expressões mais misteriosas e risadas em tons mais graves. A atenção era mais acentuada para a Mãe (agora Pombogira Rainha). O grupo após se anunciar visualmente saiu do terreiro, foi ao começo da rua e houve uma preparação para entrada: mais fogos, mais pontos, mais risadas altas e mais animação de quem não tinha incorporado.

E a madrugada seguiu com as danças, risadas, Pontos Cantados, conselhos, desfiles, fumos, bebidas e tantas outras irreverências...

3.2 Ecoando Pontos Cantados

Os pontos cantados são canções que contam histórias e informam sobre as religiões afrobrasileiras, seus rituais e Entidades comunicando, por exemplo, características das identidades de Exus e Pombogiras como suas habilidades, características, gostos, gestos, maneiras de trabalhar, posicionamentos diante de desafios, semelhanças e diferenças entre as Entidades. É uma ferramenta que contribui com a

preservação de memórias, ritos religiosos e práticas culturais de origem afroindígena atuando como caminho para manter vivos os saberes ancestrais.

Quadro 1: olhando para os Pontos Cantados

Assuntos	Trechos
Força e poder	<p>“Exu foi no Inferno com sapato de algodão. O inferno pegou fogo, o sapato pegou não”</p> <p>“Ninguém pode comigo, eu posso com tudo, lá na encruzilhada ele é seu Exu Veludo”</p>
Proteção e confiança	<p>“Lá no portão eu deixei meu sentinela, mas eu deixei Seu Tranca Rua tomar conta da cancela. Mas eu deixei Tata Caveira tomar conta da cancela. Eu deixei a Pomba Gira tomar conta da cancela. Eu deixei a Dona Molambo tomar conta da cancela”</p> <p>“E toda vez que na rua eu caminhar e ouvir ao longe sua voz a ecoar, tenho certeza que agora não ando sozinha, Seu Tranca Ruas é o dono do meu caminho”</p>
Mistério e sensualidade de Pombogiras	<p>“De vermelho e negro, vestindo à noite, o mistério traz. De colar de ouro e brinco dourado a promessa faz. Se é preciso ir, você pode ir, peça o que quiser, mas cuidado, amigo, ela é bonita, ela é mulher”</p> <p>“Arreda homem que aí vem mulher! Ela é a Pombogira, a rainha do cabaré”</p> <p>“Na família de Pombogira só não entra quem não quer... É Maria Padilha, é Maria Mulambo, É Maria Farrapo, é Maria Mulher, é Maria Padilha, é Maria Mulambo, é Maria Farrapo, é Maria Mulher”</p>

Fonte: elaborado pelas autoras a partir do diário de campo.

Foram escolhidos sete pontos de Exus e Pombogiras que eram cantados com muita frequência nas Giras de esquerda. Sendo os Pontos Cantados artefatos culturais de preservação da memória, crenças, saberes e hábitos, as informações cantadas foram analisadas como documentos de domínio público e caminhos de conhecer as interações entre as pessoas e as Entidades.

3.3 Encruzilhadas e outros caminhos: a linha de esquerda e os entre-lugares de gênero

É um lugar-comum no cotidiano brasileiro a ideia de que só existem duas possibilidades de (re)produzir vida e, conseqüentemente, uma correta e a outra errada. Retomando o tempo longo da história deste país, podemos chegar a alguns indicadores sociais que (de)formam nossos imaginários coletivos e particulares: classe, raça/etnia, gênero, religiosidade, geração, sexualidade e corporalidades podem ser retomados aqui.

Estruturados por binarismo, a hierarquização desses indicadores é naturalizada como normal e anormal, inclusive legitimado por várias instituições como família, escolas, universidades, psicologia e outras que reproduzem o correto ser homem cisgênero, heterossexual, branco, classe média, cristão, jovem e magro. Podemos chamar o conjunto dessas classificações de cisheteronormatividade que implica numa lógica racista da branquitude e intolerância religiosa (JUNQUEIRA, 2013).

Na cisheteronormatividade não há espaço pare ser real, múltiplo e encruzilhado e as figuras de Exus e Pombogiras comparecem sendo exatamente o inexato, o incerto, o amoral visto que moralidade é um conceito cunhado na monoreligiosidade, a mesma que condena às Entidades da esquerda ao lugar de demoníacas, perversas, lascivas, animais e outros enquadres que, novamente, não sejam cisheteronormativos (NASCIMENTO, SOUZA, TRINDADE, 2001).

Exus e Pombogiras são seres ancestrais que viveram em diferentes culturas, as histórias cantadas apontam semelhanças e diferenças entre as Entidades e, mais ainda, entre a masculinidade e feminilidade hegemônicas. As Entidades de esquerda são reconhecidas pela força, confiança, poder, sensualidade, mistério e proteção como visto no quadro 01, no entanto, são atributos divididos a partir do gênero (MENEZES, 2009. SARACENI, 2018).

Quando associado independente do gênero, foram encontrados nos Pontos as referências de proteção e confiança. Ao buscar parâmetros de força e poder, encontramos Pontos aos Exus enquanto às Pombogiras são especificamente dedicadas canções que remetam à sensualidade e mistério. Os Pontos são indicativos de perfil de expectativa de gênero que atravessa gerações visto que são também maneiras de circular saberes culturais, contudo, essas músicas são repetidas no cotidiano como nas Giras possibilitando novas produções de sentidos de (des)normatizações de vários indicadores sociais.

Como a narrativa sobre a festa anunciou, as Giras dessas Entidades são espetáculos que colocam em xeque as normativas da cotidianidade, do automático, do naturalizado. Nas Giras, os Exus e as Pombos incorporam e mudam as expressões corporais de médiuns podendo passar a sensação até de um corpo com outras características, mais alto, gordo, curvado... Mudanças de performance que podem ampliar brechas de questionamentos ao lugar de gênero imposto.

Uma brecha poderosa ante o lugar de gênero imposto se dá quando homens incorporam Pombogiras. É revolucionário abdicar do alto posto da hierarquia social, o lugar de homem cishétero, para permitir uma performance mais feminina e, mais ainda, de uma mulher que não segue a feminilidade hegemônica e, por isso também, pouco visto nos terreiros, como no barracão aqui apresentado. Homens que incorporam Pombogiras são quase que automaticamente estereotipados como gays e afeminados.

Nessa trama, a efeminofobia é confundida como homofobia e precisamos nomear que efeminofobia é sobre expressão de gênero e não necessariamente um homem afeminado será gay e vice versa. Um homem incorporar uma Pombo é dizer não à cisheteronormatividade de modo muito mais chocante do que mulheres incorporarem Exus, pois é naturalizado que para exercer poder e força as mulheres podem recorrer – momentaneamente – aos moldes masculinos. Sendo o homem a medida de todas as coisas, a mulher não será questionada quase automaticamente sobre sua sexualidade ou expressão/identidade de gênero.

Sendo Entidades do caos e das controvérsias, as incorporações ao mesmo tempo que trazem à tona crenças colonialistas, também evocam outras formas de ser, por exemplo, as mulheres protagonizarem os cantos de Pontos, as conversas destinadas a várias pessoas, as danças chamativas, livres e provocativas. Quando uma Pombo está em terra, ela traz conselhos às mulheres que sofrem por amor e sustento ao que as Pombogiras costumam recomendar práticas de autocuidado, posicionamentos em relacionamentos que não fazem bem às consulentes. Por vezes, as Pombos indicam separações e a procura por vários relacionamentos no quais as mulheres sejam as rainhas das relações.

Essas mulheres também aconselham e confrontam homens em atendimentos individuais ou no meio das conversas coletivas chamando atenção de homens que querem ser o centro das atenções, que traem suas parceiras ou que desrespeitam o Barracão de outra forma como assediando mulheres fingindo estar apenas elogiando. Apesar de serem

consideradas prosmíscuas, as Pombogiras falam de respeito nas relações, de autocuidado e cuidado com a outra pessoa, são figuras enigmáticas que podem ensinar por meio de enigmas e deboches, são mulheres que já sofreram em encarnações anteriores, que já enfrentaram diferentes formas de violências de gênero como indicam Pontos Cantados e conversas informais nos Terreiros (MENEZES, 2009).

Por serem fortemente associados ao poder material e sentimental ao mesmo tempo que são as Entidades de elemento terra, ou seja, mais parecidas com as características humanas, contar suas histórias faz com que Pombogiras e Exus inspirem as pessoas de Terreiros, que contribuam com outros paradigmas e possibilidades de ser e estar no mundo, outros arranjos de relacionamentos, sedução, autoestima, autocuidado, protagonismo, feminilidade e masculinidade (MENEZES, 2009. ALVARENGA, 2016).

As inspirações (re)produzidas pela subversão das Entidades de esquerda também circula no terreiro em outros momentos num arranjo mais amplo de desobediência ao colonial e aceitação das possibilidades de acolhimento que é evidente em alguns Pontos como o da família das Pombos que acolhe cada mulher com suas particularidades, vivências e dissidências... “Na família de Pombogira só não entra quem não quer... é Maria Padilha, é Maria Mulambo, é Maria Farrapo, é Maria Mulher” (MENEZES, 2009. ASSUNÇÃO, 2010).

O acolhimento à diversidade sexual e de gênero é muito presente no Barracão, inclusive a Mãe de Santo é casada com a Ekédi principal e ambas falam muito sobre respeito e ser quem são. A Ekédi trouxe o tempo curto e vivido quando partilhou sobre a felicidade de estar com quem ama, de se acolher, mas também ressaltou um desafio para pessoas LGBTQIAPN+: a saída do armário para a família. Ela contou que foi casada por muitos anos com um homem e depois casou novamente...

Aí pintou uma mulher na minha vida, falei “é essa mesmo”, tinha curiosidade de conhecer como que era uma mulher, como que fazia porque não sabia e acabei caindo e gostei, estou até hoje, vivi dois anos com aquela que tirou eu do baú, vamos dizer assim e hoje estou com quinze anos com essa. Cheguei aqui, o Guia dela estava em terra aí me chamou na hora da minha consulta, ele consultou bonitinho, mas disse que a filha dele já estava de olho em mim, entendeu? Aí o quê que ele fez “eu não vou te atender porque o teu caso é diferente” e ele já abriu o verbo “a minha filha tá gostando de você e você é da minha filha e minha filha é sua”, então ele já, antes de me consultar, de tudo, ele já abriu o jogo, aí ele fez três perguntas me lembro como hoje, “você quer a minha filha pra você?” Eu falei “quero!” Então não faça a minha filha

sofrer, a minha filha é sua. Então ele não teve mais eu como filha de santo, tá entendendo? Me adotou como uma pessoa pra auxiliar ele, mas morando com a filha dele, entendeu? (EKÉDI, 2020).

Depois, contou que está preparando sua mãe para poder contar o que parecia importante para ela ao mesmo tempo em que ela se fortalecia afirmando que era dona de sua vida e pagava suas contas, ou seja, não devia nada a ninguém, podia viver a felicidade de ser como ela era e estar com quem queria.

A Mãe de Santo também apontou resistências às violências cisheteronormativas de uma forma menos pessoal que a Ekédi, tendo como pilares o tempo mais longo, da história da humanidade para mostrar que no seu tempo vivido fazia sentido retomar outras narrativas. Para a Mãe, Cléopatra e Cesar eram homossexuais o que não era condenável, pois...

Deus não vai te condenar porque tu gosta de mulher, Deus não vai te condenar porque tu é viado, Deus não gosta é do escândalo, o escândalo é que Deus não permite porque na realidade espírito não tem sexo, nos temos massa, mas espírito não tem sexo. Você não sabe se seu espírito é homem ou mulher, você sabe que a tua massa é mulher porque tem o 'babau', tem os seios, cê tá entendendo? Sabe que é homem porque ele tem o 'bilau', então tem aquela massa 'eu sou homem', mas será que dentro dele tá esse homem que tem 'bilau'? Será se dentro dessa mulher, tá essa mulher que tem o 'babau'? Tem uns espíritos que acordam 'não, eu não sou isso', tem muita mãe de família com cinco, seis meninos e descobre 'não, não é isso que eu quero não, eu gosto é de mulher' porque descobriu que o interior dela, não é ela, é ele. Então, nós somos só renovação (MÃE DE SANTO, 2020).

No Terreiro há outros casais homoafetivos tanto de pessoas que fazem parte da Gira quanto de frequentantes. Além dessa diversidade sexual contada também pela Mãe e a Ekédi, foi também perceptível o abrigo às pessoas de expressão de gênero não normativa e às pessoas transgêneros. Inclusive, os dizeres da Mãe colocam em questão a relação entre identidade de gênero e sexualidade que, por vezes, são confundidos como similares o que é mais uma armadilha da cisheteronormatividade que impões que sendo homem cis, automaticamente se deve ter expressão de gênero masculina e interesse afetivo-erótico por mulheres. Essa lógica linear corresponde à violência de gênero e sexualidade e não passa de fantasia, talvez delírio da heterocisgeneridade.

Como as controvérsias exibidas por Exus e Pombogiras que não são bons, nem maus, mas estão além dessa lógica binária de moralidade, assim as expressões de gênero

e sexualidades também se fazem presentes nos terreiros porque são identidades reais e legítimas de pessoas reais e legítimas num espaço cultural-religioso real e legítimo. Ainda precisamos empreender muita energia, pesquisa e escrita afirmando e repetindo que religiões afrobrasileiras trazem heranças, saberes e simbologias muito poderosas, pois podem ecoar vivências ancestrais que tem sido negadas e negligenciadas pelo colonialismo.

Mas se as estratégias colonialistas se impõem em nosso cotidiano, nossas táticas de resistências também se farão presentes e encarnadas em nossas vozes, expressões e maneiras de vivermos amando ser quem somos com os corpos que temos dizendo não ao culto cis, branco, hétero e falocêntrico. Somos corpos políticos partilhados com nossos ancestrais e essa troca desestrutura a instituição colonial genitalista.

4 Encruzilhadas Finais

As histórias sobre Exus e Pombogiras são múltiplas e, por vezes, contraditórias. Ora considerados entidades, ora orixás a depender dos entendimentos do terreiro, esses seres são ainda incompreendidos quanto à qualidade de suas ações que podem ser consideradas como expressão de justiça, mas também resultado direto de trabalhos.

Exus e Pombogiras são figuras fortes e enigmáticas que chamam atenção onde quer que estejam e como se apresentam frequentemente em terreiros, esse texto versou sobre os efeitos dos encontros desses Seres com pessoas de terreiro e normas impostas sobre gêneros, sexualidades, corporalidades, entre outras expressões atravessadas pela racista lógica cisheteronormativa.

O Barracão possibilitou tantos encontros disruptivos que não seguiam padrões esperados, encontros que geraram novas possibilidades de homorromances e acolhimentos à pluralidade sexual e de gênero das pessoas que frequentavam o barracão e a participação das Entidades de esquerda foi um elemento a mais nesse destensionamento e reposicionamento sobre performances de masculinidades, feminilidades e outros caminhos ainda não nomeados.

Nessa desformatação, entendemos que Exus e Pombogiras ocupam um entre-lugar muito interessante nas produções de sentidos sobre as brechas e táticas de resistências às violências coloniais e seu legado. As conversas (re)produzidas no cotidianos do terreiro seja por falatório, Pontos Cantados ou entrevistas nos levou a compreender que se a



Umbanda já traz em sua história a resistência ao normativo, as Entidades de esquerda trazem a dupla resistência por questionarem naturalizações que na verdade são violências.

Tendo essas figuras como referências, as pessoas tem possibilidades de conhecer e acolher um novo território... A si mesmas, pois como aprendemos com Geni Núñez: “o primeiro território que descolonizo é a minha pele.” (@genipapos, 2021) e no mesmo ritmo aprendemos com a Mãe de Santo:

É por isso que aqui na Terra se você quiser abraçar, abrace, se você quiser beijar, beije. Beije muito, muito! Faça muito amor, faça tudo o que você quiser, o que der na telha você faz porque o dia de amanhã e os minutos não pertencem a nós. A gente nasce nu e vai vestido e nada disso aqui é nosso, nada (MÃE DE SANTO, 2020).

Com a circulação dessa sabedoria, entendemos um pouco mais sobre as encruzilhadas que abrigam identidades, relações de gênero e movimentos. Afinal, encruzilhada é exatamente o lugar do não-lugar.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. F. C. **As ressignificações de Exu dentro da Umbanda**. 2006. 96 p. Dissertação (mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/939/1/LENNY%20FRANCIS%20CAMPOS%20DE%20ALVARENGA.pdf>> Acesso em: 20 out. 2020.

ANDRADA, C. F. O método no centro: relatos de campo de uma pesquisa psicossocial de perspectiva etnográfica. **Psicologia USP**, v. 29, n. 2, p. 236-245, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v29n2/1678-5177-pusp-29-02-236.pdf>> Acesso em: 15 out. 2019.

BEAUD, S.; WEBER, F. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar os dados etnográficos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

CARDOSO, Á. COIMBRA, C. Banzeirar: fazendo ribeirinhar certas práticas ditas de cuidado. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. esp., p. 185-194, 2019. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/fractal/v31nspe/1984-0292-fractal-31-esp-185.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2020.

GONCALVES, B. S. A Dupla Consciência Latino-Americana: contribuições para uma psicologia descolonizada. **Rev. psicol. polít.** [online]. v. 16, n.37, p. 397-413,



2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v16n37/v16n37a11.pdf>>
Acesso em: 04 fev. 2019.

GONÇALVES, B. S. **Nos caminhos da dupla consciência**: América Latina, psicologia e descolonização. Ilustrações: Beatriz Carvalho. São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2019.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, v. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

HIRATA, H. GUIMARÃES, N. A. (Orgs.). **Cuidado e cuidadoras**: as várias faces do trabalho do *care*. São Paulo: ATLAS, 2012.

IÑIGUEZ, L. **Manual de análise do discurso em Ciências Sociais**. Tradução de Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

JUNQUEIRA, R. D. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar brasileiro. **Revista Educação On-line PUC-Rio**, n. 10, p. 64-83, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/131962/Pedagogia-do-armario-Richard-Miskolci-e-Larissa-Pel%C3%BAcio-Orgs.-Discursos-Fora-da-Ordem-Sexualidades-Saberes-e-Direitos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 10 jul. 2017.

MENEZES, N. **Arreda homem que aí vem mulher**: representações da Pombagira. São Paulo: Fortune, 2009.

MINAYO, M. C. de S.; GUERRIERO, I. C. Z. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232014000401103&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: 25 ago. 2018.

SARACENI, R. **Fundamentos doutrinários de Umbanda**. São Paulo: Madras, 2018.

SATO, L. SOUZA, M. P. R. Contribuindo para desvelar a complexidade do cotidiano através da pesquisa etnográfica em psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 29-47, 2001. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/63371/66114>>. Acesso em: 15 mar. 2020.

SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822003000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 out. 2018.



SPINK, P. K. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 70-77, 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822008000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 nov. 2010.